

UM DIÁLOGO SOBRE INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA EM MEIO ACADÉMICO: ENTRE PROJETO, PROCESSO E CONCRETIZAÇÃO

A DIALOGUE ON ARTISTIC RESEARCH IN ACADEMIA:
BETWEEN PROJECT, PROCESS AND ACHIEVEMENT

Tiago Mora Porteiro*
tiagoporteiro@ilch.uminho.pt

Apresenta-se a transcrição de uma entrevista a João Soares, diretor do Doutoramento em Arquitetura da Universidade de Évora à data da sua realização (13/01/2015). Este diálogo foi conduzido no âmbito de uma investigação sobre programas de doutoramento em Portugal nos quais um objeto artístico de criação é possível ser desenvolvido em articulação com uma dissertação. Conclui-se que em meio académico, designadamente no domínio da arquitetura, é dialética a relação que, aí, se estabelece entre projeto, processo e concretização.

Palavras-chave: Investigação-criação artística. Doutoramento em Arquitetura. Metodologias.

We present a transcription of an interview to João Soares, who was the director of the PhD in Architecture at the University of Évora when the interview was conducted (13/01/2015). This dialogue was carried out within the scope of an investigation into doctoral programs in Portugal where an artistic object of creation is possible to be developed in conjunction with a dissertation. It is concluded that in academia, particularly in the field of architecture, it is a dialectical relationship that is established between project, process and concretization.

Keywords: Art based research. Architecture doctoral programs. Methodologies.

•

Para quem conhece e trabalha em projeto, em qualquer área artística, sabe que se está sempre num modo de redefinir a ideia à medida que se vai escavando, à medida que se vai realizando esboços e equacionando tentativas de concretizar. (João Soares, entrevista)

Tiago Porteiro – Na Universidade de Évora, o Doutoramento em Arquitetura¹ permite que os seus candidatos desenvolvam um projeto como forma de validar o diploma. Há quanto tempo implementaram este modelo?

* Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0001-5052-9787

¹ O Departamento de Arquitetura, que integra a Escola de Artes, oferece um programa de doutoramento – 3.º ciclo, para além do mestrado integrado – 1.º e 2.º ciclos de estudos. O Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA) sustenta, cientificamente, o programa.

João Soares – A primeira edição foi em 2011, e foi esse o modelo, desde o início. Até agora a dimensão experimental tem sido uma constante – facto inerente à condição pioneira do programa. Haverá nessa ambição também alguma ingenuidade, ou risco. De repente deparas-te com dificuldades, tanto de gestão e administração, como no âmbito dos conteúdos científicos, ao mesmo tempo que descobres que todas estas dificuldades estão enquadradas num debate de âmbito internacional. Vais tomando consciência que não estás sozinho e parte do caminho também já foi percorrido por outros. Enfim, o valor da expressão 'experiência' não afirma, unicamente, uma dimensão positiva, aliás, tem mesmo que integrar o acidental.

Tiago Porteiro – Existe um regulamento ou alguma formalização que define, de algum modo, o desenho a que os projetos de criação devem estar sujeitos?

João Soares – Ainda não chegámos a esse estágio. Fomos pioneiros, mas, paradoxalmente, não temos senão uma espécie de texto manifesto, remetendo para o regulamento geral do Instituto de Investigação e Formação Avançada. Encontramo-nos ainda a procurar a justa medida entre a necessidade de definição de uma ideia de formato do doutoramento que queremos implementar, e um certo grau de liberdade que cada caminho individual terá que possuir. Aliás, a própria história que formos construindo, esperemos, possa fazer parte da construção mais apurada dessa ideia.

Tiago Porteiro – E que ideia é essa?

João Soares – A ideia é a de que os doutorandos possam desenvolver um doutoramento de investigação pelo projeto (*by design*, na terminologia anglo-saxónica). O próprio termo integra um campo de investigação que se declina em diferentes variantes: investigação pelo projeto; investigação através do projeto; investigação sobre o projeto. Poderemos também falar de *action-research*. Existe uma variedade de formatos possíveis. O poder realizar projetos na academia neste quadro de formação ainda se encontra numa fase muito inicial e faz também emergir idiosincrasias relacionadas com o próprio ensino da arquitetura na academia. Há, por aí, uma constante reflexão.

Tiago Porteiro – E que tipo de alunos têm frequentado, até agora, o vosso programa?

João Soares – São, na sua maioria, pessoas que já têm um nível de pensamento considerável, que refletem sobre as questões da arquitetura. Pessoas que contam já com experiência, ou ao nível do exercício da profissão. Idealmente seria que pudessem já ter abordado as áreas da crítica e divulgação. Naturalmente, se tiveres nas formações iniciais (1.º e 2.º ciclos) uma prática regular da argumentação, da escrita, da retórica, tudo seria depois mais fácil quando os candidatos chegam a doutoramento!

Tiago Porteiro – Qual é a estrutura do curso?

João Soares – Desde o primeiro momento que quisemos que possuísse uma estrutura simples, articulada em três anos. Mostrou-nos a experiência que um ciclo de tempo de quatro anos seria mais adequado, e estamos justamente em processo de reformatação a esse nível junto da Agência de Creditação.

No primeiro ano curricular existem três cadeiras:

1) Laboratório de projeto de arquitetura – e, tal como o nome indica, é prático e desenvolve uma lógica de *atelier*;

2) Seminário de investigação – organizamos encontros, numa lógica sequencial, e edita-se uma ideia que concatena conhecimentos. Convidamos conferencistas que vêm falar no âmbito das temáticas lançadas em Laboratório e temos feito um esforço (a percentagem tem sido relevante) para que esses contributos surjam de áreas disciplinares externas – afins, concorrentes, secantes – à própria arquitetura. E isto porque a arquitetura dialoga, constantemente, com muitas disciplinas.

3) Metodologias de investigação – tem uma componente dupla: oferecer aos alunos o contacto com as formas, preceitos e as modalidades dos fazeres na academia – por exemplo, aprender a construir e expor, de forma pertinente e clara, toda a referenciação bibliográfica, preparar trabalho de pesquisa de fontes – tudo domínio das metodologias canónicas. Isto é tanto mais necessário quanto, nas licenciaturas e nos mestrados em arquitetura, essas práticas são pouco exercitadas. Nesses níveis os alunos ficam com noções muito superficiais. Tenho presente a citação de Nanni Moretti que diz: “Quem fala mal, pensa mal”, que é um modo cru de dizer que, quando não sabes escrever, não sabes articular o pensamento como deve ser. A arquitetura padece desse problema; tem a intenção de ser uma disciplina humanista, mas a maior parte dos alunos não leem e não escrevem! Estamos a falar de um problema que hoje em dia é transversal.

Mas tornando à natureza dual da disciplina de metodologias – criam-se, por um lado, bases mínimas dos cânones académicos; e, por outro, a parte que deverá ser aquela nodal, onde se procura responder: então, o que é isso de investigar através de projeto?

Tiago Porteiro – Os candidatos apresentam um projeto? O que podes dizer desses projetos que têm sido apresentados até agora?

João Soares – Não obstante o nível de maturidade, são poucos os alunos com uma consciência daquilo ao que vêm. E nesta fase tudo isto deveria ser muito mais evidente! Existem ainda alunos que acham que bastará fazer um projeto e que tudo fica feito! Em conjunto, fazemos um percurso no sentido de irmos construindo uma consciência comum através do debate. Estamos, sempre, e em todas as disciplinas, a tentar melhor definir e clarificar o que é isso de fazer um projeto em arquitetura *by design*. Lançamos ideias, debatemos, mas no final voltamos à pergunta inicial, apresentada de forma mais urgente: concretamente, como é que isso se poderá fazer? Terá que ser diferente de entregar um projeto para licenciamento numa Câmara, processo instruído com um elevado número de peças desenhadas, e, ao mesmo tempo terá que ser distinto de escrever um grande livro de quinhentas páginas. Não conseguimos ter um modelo predefinido e que seja evidente

para todos e desde logo. A sensação que tenho, depois das várias edições, é que só ao fim dos dois primeiros semestres é que cada um começa a formular uma ideia mais clara do que poderá ser esse projeto, e que, por estar na academia, deverá também referir-se a determinados procedimentos de elaboração e exposição.

Não menos importante, ao longo destes debates e do tempo, vais-te apercebendo também que cada professor tem uma ideia diferente sobre o assunto.

Tiago Porteiro – Portanto, existe um debate entre os diferentes professores que estão envolvidos no programa, mas também, suponho, entre os candidatos?

João Soares – Sim, sim. Tendo o seu tema como referência, cada doutorando começa a colecionar um conjunto de artigos e de informações sobre o assunto, um estado dos conhecimentos existentes. Esse debate, em tempo real, vai sedimentando ideias e construindo a nossa própria história, como referia antes.

Existe, claro, uma série de opiniões que expressam posições diferentes. É muito complexo definir bem os limites e os formatos deste tipo de investigação-criação, pois as possibilidades são muito variadas! Para as outras áreas próximas não saberei muito bem o que se passa, se os critérios estão mais ou menos estabilizados.

No final do segundo semestre, e do primeiro ano curricular, os doutorandos começam a ter a consciência de como delimitar os possíveis formatos a desenvolver. É o momento onde se chega à ‘praça’, o lugar do comum, onde todos descobrem que existem dúvidas e questões sobre o formato e sobre os conteúdos criativos e académicos do projeto.

Como é que equaciono de forma mais concreta o debate que se estabelece nesse momento? Trata-se da dialética e/ou do confronto entre a ideia de projeto e o processo. Ou mesmo a dialética entre projeto, processo e construção. Sendo que cada uma destas instâncias valida a anterior, ou melhor, um bom projeto derivaria de um bom processo, um bom processo deveria conduzir a uma boa construção (no sentido de construção mental, quanto efetiva).

Enquanto investigador dos assuntos implicados nos domínios da arquitetura, estou muito interessado na questão do processo. Poderia servir-me do que diz Beckett: errar, tentar, falhar; voltar a tentar, falhar ainda, falhar melhor. Vivo um pouco nessa ideia romântica de estar associado à contínua tentativa e ao erro, e ao recomeçar. A metáfora do Sísifo também ilustra bem tudo isto: essa ideia de chegar lá acima e ter que voltar cá abaixo, para ter que voltar a subir com o pedregulho! (o trabalho). Um movimento contínuo, mas sempre incremental. Claro que a materialização destas analogias ou metáforas acontece em modos em que os tempos e densidade e intensidade de trabalho são absolutamente determinantes.

Neste debate são assumidas posições diferentes, que colocam mais a ênfase no resultado do que se produz. Tal posição considerará, porventura, uma maior relevância sobre o resultado final e menos na dimensão processual. Se uma determinada solução for boa, tem um valor por si só! De repente, toda a lógica de desmontagem do processo, que é mais a lógica académica – de desconstrução – de reflexão sobre as metodologias, os

modos de fazer reconhecidos pelos pares e que te permitem replicar determinadas experiências, tudo isso seria menos relevante.

O paradoxo é que a arquitetura de excelência possui sempre essa dimensão de autonomia – fala por si.

O posicionamento relativamente à questão – o que é isso de investigação-criação? – faz-nos refletir e pensar constantemente!

Não nos devemos esquecer que existem também grandes arquitetos, como Le Corbusier, Álvaro Siza, Aldo Rossi, entre outros, que nos deixaram um grande legado de obra mas também os seus cadernos, as cábulas, os desenhos onde vemos os processos e os caminhos complexos (e contraditórios) que trilharam para chegar aos resultados. Esses documentos e vestígios fazem parte da obra e expõem o modo de pensar, o ir fazendo a obra. É investigação-criação, mas fora da academia. Deverá haver diferenças? Abre-se também aqui mais um patamar da reflexão a que estamos sujeitos.

Tiago Porteiro – Quais os materiais a ser convocados para a avaliação final do trabalho? Pensas que deve haver uma apresentação ou mesmo uma exposição dos vários materiais e de diferentes formatos e que estes devem estar articulados entre si?

João Soares – Voltemos, por um momento, à discussão sobre o regulamento. Já participei em encontros e debates sobre a investigação em projeto, no domínio da arquitetura e paisagem – desde o simpósio internacional AREA, até aos mais recentes ENIA (*Encontro Nacional de Investigação em Arquitetura*). Muitos dos contributos e exemplos considerados falavam do que um regulamento deveria determinar. Por exemplo, considera-se que o regulamento não deveria identificar de forma específica quantas páginas o texto deveria ter, a formatação do CD, etc., mas muitos deles identificam que uma exposição (espacial) do trabalho desenvolvido deva existir. Acho interessante incluir essa dimensão no momento de apresentação final e defesa da tese. Dá-se, desse modo, relevância à forma encontrada de se expor o processo desenvolvido. Pode uma exposição ser considerada investigação? Parece-me claramente que sim; ela deve, no entanto, não só expor conteúdos, mas o próprio dispositivo deve dar a ver os processos próprios implicados nos conteúdos. Curiosamente, os franceses chamam à tarefa de conceção e *design* expositivo “*scenographie*”. Estamos no domínio da espacialização das ideias, ou seja, de um sistema de relação de espaço enquanto suporte e, simultaneamente, espaço enquanto potencial de conteúdos, para além dos conteúdos que queiras veicular. Isto também é um debate que está na ordem do dia no domínio das teses *by design*. No fundo, existe sempre uma ideia de ação que tem a ver com o ato de projetar. Isto, em termos canónicos académicos será, em si mesmo, uma outra possibilidade de conceber e de fazer. Por exemplo, na música, existem o âmbito da criação musical e do da musicologia. O que se tem vindo a experimentar é a possibilidade de articulação entre estas duas dimensões, o fazer e o pensar. Na arquitetura a mesma coisa. Anteriormente os doutoramentos na área da arquitetura focavam a história da arquitetura ou a crítica da arquitetura, e não a arquitetura enquanto fruto de produção criativa. E, no teatro, creio que também não seria muito diferente.

Tiago Porteiro – Existe uma dimensão temporal a ter em conta. A noção de projeto está associada ao pensar e a um perspetivar antes de um fazer, certo?

João Soares – A noção de projeto é justamente a de projetar para um futuro. A perspetiva e a projeção são modos de operar da arquitetura que me fascinam e que são indissociáveis do processo. Isto é, o processo não deve ser entendido como uma ação sequencial, linear e absoluta, onde se segue uma lógica e onde primeiro se deve realizar uma ação analítica de levantamento da informação, para, em seguida se proceder a um processamento dessa mesma informação. O mesmo será dizer que primeiro se levantariam, nesse caso, os problemas para, finalmente, se construir uma estratégia que conduziria ao desenho de uma proposta – o projeto – entendido como uma solução para uma determinada circunstância, ou problema (como se costuma referir autoritariamente em arquitetura). Este seria como que um modo de operar idealizado, tal como uma máquina o faria. Mas este procedimento é, em si mesmo, ilusório. Para quem conhece e trabalha em projeto, em qualquer área artística, sabe que se está sempre num modo de redefinir a ideia à medida que se vai escavando, à medida que se vão realizando esboços e equacionando tentativas de concretizar. Tudo isto não implica que, inicialmente, não exista uma pré-intuição projetual. O desenho comanda, acompanha (e desvia, também), ele não ocupa um lugar de mera tradução. O desenho é ensaio e simultaneamente aparato. Um esboço inicial, ou uma direção de partida, é como que um motor a partir do qual tu orientas as procuras no seio do teu processo. Através da prática ou da reflexão, o projeto deverá estar sempre a ser como que redefinido ou afinado, e o desenho a ser simultaneamente processo e projeto. Será curioso procurar pensar o desenho, ou um seu equivalente nas outras áreas da produção que envolvem ação e pensamento.

Tiago Porteiro – No universo das artes, talvez mais do que noutras áreas, o projeto deve ser então concebido mais enquanto caminho e enquanto um vetor em potência?

João Soares – Sim, diria mesmo que, em arquitetura, o projeto deverá colocar em cima da mesa várias possibilidades de desenho. Lembro-me que a primeira exposição de Serralves foi uma exposição das propostas de Siza – *on display* – sobre o processo de criação do próprio museu e onde foi possível ver as possibilidades (creio que três versões) com que lidou.

O projeto abre sempre espaço para as variáveis inesperadas com que, num determinado momento, nos podemos confrontar. Na maior parte das vezes, e em grandes projetos, os arquitetos jogam sempre com diferentes possibilidades ou diferentes equações. O meu fascínio pelo processo também vem deste interesse por equacionar possibilidades. Isto opõe-se a uma ideia funcionalista do projeto considerado como solução. Habitualmente, quando falamos em projeto de arquitetura num *atelier*, confundem-se conceitos como proposta, projeto e solução. Como se fossem todos sinónimos uns dos outros. Na lógica da investigação-criação, e sobretudo num quadro de investigação no interior da academia, estou mais interessado em assegurar que as pessoas que estão no doutoramento se familiarizem com protocolos, procedimentos, modos, mais

do que encarar o espaço da busca numa base de receita. É nesse contexto que deposito valor e uma grande confiança na ideia de enfatizar o processo.

No caso da investigação-ação, quando expões o processo desmontas também as maneiras de pensar, os protocolos e os procedimentos. Mais do que a ideia de certeza, é a ideia de teres de encontrar um resultado, único e definitivo. Para além do mais, vivemos num espaço social complexo, que se desconfigura, reconfigura, muda, numa instabilidade que Bauman chama, com grande acerto, “líquida”.

Para sintetizar o que disse, tendo em conta o trinómio projeto – processo – solução, o que defendo é que se olhares mais para a passagem entre o primeiro e segundo passo, e não tanto para o terceiro, deixas de considerar como fundamental a necessidade de chegar a uma formulação única e definitiva de solução.

Tiago Porteiro – Seguindo a tua lógica, a noção de projeto enquanto investigação-criação deverá ser entendida mais como uma direção de potencialidades e de devires e menos como uma ideia fechada e terminada e que, em seguida, deverá ser executada? Enfim, o projeto deverá ser mais as tentativas, as metodologias e as fundamentações que utilizas?

Para além do mais, parece-me também que um projeto *arts-based-research* pode identificar determinadas questões ou problemas específicos a tratar e, portanto, esse objeto que daí resulte é uma obra com características e com desafios específicos e que, por isso mesmo, devem tendencialmente ser diferentes daqueles que o artista, neste caso o arquiteto, expõe ou apresenta num contexto de difusão artística, quer seja numa galeria ou num teatro.

João Soares – Parece-me que sim. O que ponho em causa, no contexto de um doutoramento investigação-criação, é a própria noção positivista de haver necessidade de se chegar a uma solução, definida e fechada, e que antecede, no espaço da realidade, a execução em obra a construir. Uma solução que, situada no tempo, seria concebida como algo estático (o paradoxo que sempre armadilha este raciocínio, em arquitetura, é que a própria condição da arquitetura é a sua estabilidade estática e dinâmica). Na verdade, uma solução em projeto concebido nesses moldes, sendo estático, poderá muito bem perder a sua assertividade! O esforço da execução será só um esforço, por vezes, titânico, só para assegurar o que tinhas planeado. Pergunto-me: nessa leitura tão positivista da solução projetual onde é que há espaço para modos de ação tão próximos da pintura e da literatura, do teatro e da música, onde existe a introdução do acaso ou da serendipidade?

Voltamos, assim, a uma ideia de projeto como sendo o espaço onde circunscreves determinadas ideias que te servem de âncoras e que te direcionam um caminho, mas durante o qual descobres outras possibilidades. Poderemos ainda associar uma ideia de arquitetura participante (não necessariamente nas formas convencionais da participação), e onde as pessoas para quem se destina a obra, com as suas ideias e propostas, conduzam a outras instâncias que não tinham sido equacionadas. Richard Serra fala da subjetividade do sujeito. Ainda podemos conceber uma outra ideia: um projeto de arquitetura que se vai pensando e construindo quase ao mesmo tempo, o que implica poder haver a necessidade de destruir para voltar a construir!